

## HISTORIOGRAFIA E POLÍTICA NOS OITOCENTOS: JUAN DONOSO CORTÉS NOS RASTROS DA HISTÓRIA (1829-1853)

**Roney Marcos Pavani**

(Mestre em História – UFES e Professor do IFES – Nova Venécia)

### Resumo

Neste trabalho analisamos a interpretação histórica do pensador espanhol Juan Donoso Cortés, e como ele recorria à História para legitimar ou desmerecer projetos políticos. Da mesma forma, investigamos como o autor buscava um sentido através da História da Espanha, da Europa e do Mundo. Ao fazer isso, Donoso detectou mutabilidades e, ao mesmo tempo, permanências, o que o fez concluir que existem valores que não podem escapar a certas realidades sociais, com destaque aqui para o papel do catolicismo. Essa dedução, nos anos finais de sua carreira, contribuiu para a construção de uma visão providencialista da História. Com relação à ideia de progresso, sua visão era bastante ambígua. Por exemplo: do ponto de vista das possibilidades, o mundo moderno era o ápice da civilização, já do ponto de vista moral não. A sua conclusão, portanto, era de que o hoje é melhor do que o ontem, e ainda poderia ser melhor no futuro se os indivíduos seguissem alguns princípios, a saber, a doutrina católica.

**Palavras-chaves:** Historiografia, século XIX, catolicismo, providência, progresso.

### Abstract

In this article, we analyze the historical interpretation of the Spanish thinker Juan Donoso Cortés, and how he resorted to History to legitimize or belittle political projects. Likewise, we investigate how the author searched for a meaning through the History of Spain, Europe and the World. By doing that, Donoso detected mutabilities and, at the same time, permanencies, which made him conclude that there are values that cannot escape to certain social realities, with emphasis on the role of Catholicism. That deduction, in the final years of his career, contributed to the construction of a providentialist view of History. Regarding the idea of progress, his view was quite ambiguous. For example:

from the standpoint of possibilities, the modern world was the pinnacle of civilization, from a moral point of view, it did not. His conclusion was, therefore, today is better than yesterday, and it could still be better in the future if individuals followed some principles, namely, the Catholic doctrine.

**Keywords:** Historiography, XIXth Century, Catholicism, providence, progress.

## **Introdução**

Juan Donoso Cortés (1809-1853), Marquês de Valdegamas, foi um pensador bastante preocupado em utilizar e compreender a História a fim de favorecer suas ideias e seus projetos políticos. Em todas as suas obras, de 1829 a 1853, ele fez referências à História da Espanha, à História da Europa e, por diversas vezes, à História Universal.

Seria desnecessário apontar aqui todas as obras donosianas que dizem respeito à História. Mesmo assim, elencamos certos documentos julgados como mais relevantes para esse assunto. Alguns tratam do tema de forma direta e clara, sendo, inclusive, citados vários povos, culturas e sociedade – e suas histórias. Em outros momentos, por sua vez, o sentido histórico é mais tênue, exigindo uma capacidade maior de argúcia para deles se retirar um sentido histórico.

As obras foram retiradas tanto da edição intitulada *El pensamiento político hispanoamericano* (1965), dirigida por Guillermo Lousteau Heguy e Salvador Lozada, quanto da edição denominada *Obras Completas de Donos Cortés* (1970a e 1970b), organizada e comentada por Carlos Valverde.

O ensaio *Consideraciones sobre la diplomacia (1834)* merece um parêntese, pois se trata de um texto mais longo (64 páginas), sendo muitíssimas as referências históricas. Em algumas vezes, elas foram utilizadas para atacar o *Congresso de Viena* (1814-1815), visto como o causador das Revoluções de 1830 (CORTÉS, 1970a, p. 234) e a *Santa Aliança*, justificando o que Donoso considerava um erro das potências absolutistas europeias, e também defendendo o trono de cada Estado como legítimo (p. 226-227). Também nessas

mesmas *Consideraciones*, o autor criticava o período medieval – “*la época de la barbarie y del entronizamiento de la usurpación*” (p. 275); tratava da filosofia da guerra como parte da razão da história, isto é, via ele na guerra um serviço inconsciente ao desenvolvimento de um *principio superior*, que é a *inteligência* (p. 279) e, finalmente (p. 281) defendia o uso da história para mostrar soluções aos problemas políticos e sociais de sua época, o que nunca deixaria de fazer.

As *Consideraciones* suscitaram comentários e críticas de periódicos, para os quais Donoso teceu um novo documento: *Respuesta a una crítica a su ensayo sobre la diplomacia (1834)* direcionada ao jornal *El mensajero de las Cortes*. Como o texto que originou a contenda, o autor recorreu a argumentos históricos para concluir: o século XIX é “*lo auge de los progresos de la humanidad*” (CORTÉS, 1970a, p. 289).

O autor completou o que disse nos textos anteriores por meio da obra *Las proyectadas mudanzas en el ministerio (1835)*, onde se disse que todas as épocas são herdeiras das anteriores, e que, portanto, a história não é uma ruptura em si, mas sim um misto de ruptura e continuidade (CORTÉS, 1970a, p. 294). Inclusive, na obra *La ley electoral (1835)*, fora feito um elogio à *Reforma Protestante* e à *Revolução Francesa*, tidas como as responsáveis pela emancipação das *inteligências* (CORTÉS, 1970a, p. 302), e, por conseguinte, pela construção do mundo europeu tal como ele o via.

Nesse sentido, Caire-Jabinet (2003, p. 90) afirma que as histórias nacionais, tão caras ao século XIX, tinham na Revolução Francesa e na Idade Média duas grandes fontes de inspiração, visto que ambas serviam para explicar as origens do Estado e das nações modernas. Donoso não é exceção a essa regra, seja elogiando, seja criticando ambos processos históricos. Para ele, não era possível entender a Europa, de um modo geral, e a Espanha, em particular, se não estudasse e compreendesse tanto o papel da Idade Média quanto o da Revolução Francesa. Nas palavras de Caire-Jabinet, “*todos os historiadores*

européus procuram em suas raízes as justificativas de sua crença nacional” (2003, p. 94).

## ***Mutabilidades e permanências: valores eternos e valores singulares***

A mesma *Ley electoral* evidencia como Donoso Cortés imaginava ser a sua sociedade moderna – espanhola, europeia e cristã – superior às sociedades antigas (como a egípcia, a grega e a romana) e às sociedades orientais contemporâneas a ele (como a chinesa, a indiana e a persa).

a) os antigos são inferiores aos modernos visto que “*no reconocen el individuo como libre*” (CORTÉS, 1965, p. 49); b) a história é uma linha de progressão, ou seja, o presente é uma evolução do passado – como quando se diz que o *governo representativo* (a monarquia constitucional) é o resultado evolutivo dos governos anteriores (p. 57); c) embora cada governo seja fruto das necessidades dos homens, existiram governos melhores do que os outros ao longo da história, posto que a concepção religiosa de cada um deles, por estar mais próxima da cristã, é vista como mais acertada (p. 59); d) mesmo reconhecendo a história como linearidade, Donoso sugere que existem *elementos eternos* aplicáveis a qualquer época. Logo, não é estranho pensar que haja governos cristãos no passado melhores do que governos não-cristãos no presente; e) a história da humanidade pode ser dividida em etapas, de acordo com a *inteligência* de cada uma delas. Essa *inteligência* deve agir de tal maneira que harmonize os conceitos de homem em sociedade.

Isso explicava, segundo Donoso, porque sociedades e governos tão poderosos quanto o Império Persa, as *póleis* gregas e a *Res Publica* romana caíram por terra com o desenrolar histórico. Em todos esses casos, o equilíbrio homem/sociedade se rompera, ou então as formações religiosas das pessoas que compunham aqueles estados não forneciam uma base de sustentação para que tal equilíbrio ocorresse. O século XIX europeu era mais avançado (embora não fosse perfeito), na visão donosiana, porque conseguiu ajustar o fiel da

balança, de modo que nem indivíduo, nem sociedade tivessem primazia um sobre o outro.

O ser humano, visto por Donoso como um ser individual, que se relaciona com a divindade, com a natureza e com os seus semelhantes, ergue sociedades e governos. Estes nascem a partir das condições materiais encontradas por esses mesmos indivíduos, ou seja, pelos problemas e necessidades enfrentadas, mas também, e, sobretudo, pela maneira como se dá a relação Divindade/Homem. E nem todas as civilizações souberam encontrar esse relacionamento coeso, ficando a cargo da religião cristã fornecer os meios do desenvolvimento.

Dessa forma, se existem *elementos eternos* fornecidos pela religião cristã, qualquer mudança que lhe vá de encontro produzirá decadência, e não progresso. Veja-se, portanto, como o *progressivismo* de Donoso era bastante peculiar, repleto de altos e baixos. Isso, porém, não entra em contradição com o progresso cultural e tecnológico do homem, o qual era, segundo o autor, sempre melhor do que no período anterior.

Nas *Lecciones de Derecho Político (1836-1837)* encontramos várias referências desse Donoso historiador, sendo a principal delas a que apresentava a história como sendo (junto com a razão e as autoridades) a fonte da certeza e da verdade. Assim, para se chegar a alguma conclusão verdadeira sobre o ser humano, sobre o governo e sobre as sociedades são necessárias três etapas: 1) *utilizar a razão*, isto é, refletir com o próprio intelecto; 2) *ouvir as admoestações de pessoas constituídas em dignidade* (seculares ou religiosas) e dotadas de um conhecimento obtido por meio da experiência, da prática, e não da teoria e da reflexão (NISBET, 1987, p. 61-62); 3) e, por fim, *observar se tal ideia ou afirmação pode ser provada pela história*. Se, e somente se, esses três elementos estiverem de acordo, poderá se dizer que algo é *verdadeiro*.

A história tem essa capacidade de fornecer conhecimento porque ela é um *cenário do qual se podem retirar conclusões*. Através do seu decurso, observando os homens e seus comportamentos (tanto em um nível geral quanto

específico), descobrem-se quais caminhos eles tomaram até chegar ao presente. Consequentemente, a sociedade do presente (embora singular) não está desligada daquela que lhe precedeu, nem tampouco daquela que lhe sucederá (NISBET, 1987, p. 48-57).

A ideia de um presente único e relacional com o passado, pode ser melhor entendida ainda nas *Lecciones* (CORTÉS, 1970a, p. 349), quando Donoso afirmou o termo posterior da história como síntese que conserva e destrói, superando as etapas anteriores.

Em *De la monarquía absoluta en España (1838)*, a busca pela essência (pelo espírito) espanhol foi retomada através da análise histórica, identificando como partes desse conjunto fundamental a *monarquía* e o *catolicismo* (CORTÉS, 1970a, p. 523-528). Esses aspectos constantes nunca se desligaram da formação espanhola, portanto, é seu destino permanecer sempre com ela. Embora, claro, deva haver mudanças em outros quesitos, como, por exemplo, na estruturação do governo que foi superado.

A obra *Estado de las relaciones diplomáticas entre Francia y España explicado por el carácter de las alianzas europeas (1838)* tinha por objetivo não somente pedir ajuda à França para pôr fim às Guerras Carlistas, como também situar as relações franco-espanholas no quadro do conjunto da Europa posterior à Revolução de 1830.

Aqui, assim como nas obras anteriores, Donoso pretendia descobrir os mecanismos e as forças infraestruturais que dominam a história, já que é esta, em última instância, quem produz o homem. Aqueles que conhecem essas forças (regras, leis, etc.) fazem não profecias, mas previsões racionais sobre o futuro (KOSELLECK, 2006).

Uma das forças imutáveis encontradas por ele nesse *Estado de relaciones* foi (CORTÉS, 1970a, p. 581): as causas das guerras são sempre as mesmas (políticas, religiosas, materiais) desde o início da humanidade. Em cada uma das

etapas da vida humana, uma das causas tinha primazia sobre as demais. O tempo, pois, é linear, repleto de diferenças históricas, pois as causas das guerras nunca são as mesmas. Porém, ele também é cíclico, nesse sentido amplo de permanências, uma vez que sempre há de existir um princípio (político, religioso, material), e que esse ofuscará a presença dos outros, era após era.

Se as guerras sempre aconteceram na história, e sucedem-se em suas causas, Donoso concluiu que ela não pode representar algo necessariamente *ruim*. Ela faz parte da natureza humana, estando presente também no mundo sobrenatural, como se percebe ao ler as *Cartas de Paris (1842)*.

A conclusão é a mesma de *Estado de las relaciones diplomáticas*: a guerra, em geral, não é sinal de barbárie (CORTÉS, 1970a, p. 894). Como pode ser facilmente encontrada em todos os momentos da história, trata-se de um aspecto do *espírito* humano. Mais do que isso, é algo necessário e eterno e, por conseguinte, divino. Se ela não existisse, na visão de Donoso, as sociedades, as nações e as civilizações não se expandiriam. Não haveria progresso material. É como se a guerra fosse um instrumento rumo a um fim incognoscível, que está além da compreensão humana.

## ***Vontade de Deus e ação dos homens***

Essa ideia de que os homens fazem a história, mas não com o sentido que desejam, desembocou na concepção providencialista de Donoso Cortés. Ou seja, a história é guiada e comandada por Deus. Ele conhece o passado, o presente, e o futuro. Tudo o que existe não escapa a seus desígnios; por conseguinte, tudo o que existe (bom ou ruim) está ligado à sua vontade.

Os textos *Filosofia de la Historia. Juan Bautista Vico (1838)*, *Cartas de Paris (1842)* e *Historia de la Regencia de María Cristina (1843)* trataram todos dessa mesma temática. Os três abordaram a questão do cristianismo na História, como

mola propulsora para a formação do mundo moderno (CORTÉS, 1970a, p. 654); trataram também da vontade divina sendo mostrada ao longo da História (p. 663-685); e, por fim, da defesa da monarquia hereditária como a instituição mais cabível para o século XIX.

Isso não quer dizer que Cortés estivesse modificando a sua ideia de progresso, apenas estava indo ao encontro do que havia dito em outros lugares. A História é um lugar de permanências e continuidades. Mais ainda, é formada tanto por elementos mutáveis, que através da superação são ultrapassados por outros em um processo de progressão infinita, quanto por elementos eternos, imutáveis, que não precisam evoluir.

Estes elementos que não precisam evoluir – tal qual foi a monarquia – são a pedra de toque do *espírito das instituições*. Dessa forma, não podem ser ignorados ou superados, mas adequados ao momento presente. Donoso sabia que não seria possível, aos moldes românticos, restaurar a Idade Média, em todas as suas peculiaridades, já que cada época é específica e diferente de todas as outras.

Então, para que houvesse novamente o medievo, seriam necessárias as invasões bárbaras, as guerras, o feudalismo, etc. Isso não é possível de se fazer. Porém, o cristianismo e a valorização da Igreja – sendo valores eternos, já que divinos – podem ser aplicados na modernidade, produzindo os mesmos benefícios obtidos à época das monarquias medievais. Assim, haveria estabilidade política e prosperidade, em outras palavras, progresso.

Cria-se, portanto, que era possível uma melhora da humanidade, ainda que não pela via revolucionária (CORTÉS, 1970a, p. 933). O que se pretendia obter não era o passado, mas um presente (que possui muitos méritos) sem as contradições que o assolam (p. 938). Essas contradições nasceram a partir da perda de valores eternos – ligados ao cristianismo, que devem ser recuperados.



As conclusões de Donoso sobre a história como linearidade, como prova de certezas e como reveladora dos desígnios divinos se encontram em outras três obras: *Discurso sobre declaración de la mayoría de edad de Doña Isabel II* (1843); *Curso de historia de la civilización de España, por D. Fermín Gonzalo Morón* (1843); *Diario de 1844* (1844).

Nos *Estudios sobre la historia* (1847), Donoso condensou tudo o que havia refletido anteriormente, tratando de Deus e sua ação sobre os homens. Muitos temas analisados nesse documento, em especial o radicalismo teológico e a necessidade de se reconstruírem os valores cristãos estão presentes no *Ensayo*, sua obra maior.

Acentuava-se em Donoso uma concepção providencialista da história. O acaso não existe. Quando a *Ordem Natural* (divina) é quebrada, acontecem as catástrofes, as revoluções, etc. Desse modo, a História não seria outra coisa se não a revelação das leis imutáveis e inflexíveis com que Deus governa o *mundo moral* depois de o haver criado (CORTÉS, 1970b, p. 227).

O grifo do parágrafo anterior não é por acaso. Quando se fala em *mundo moral*, está-se excluindo o mundo técnico, da economia, da indústria, das artes e da cultura material. É como se os homens, que estão presos às vontades do Criador, tivessem liberdade para desenvolver todas essas potencialidades. Estes, ao longo da história, vão melhorando a cada estágio do desenvolvimento evolutivo humano.

A moral, as leis divinas, são eternas. Deus criou o homem e a sociedade (CORTÉS, 1970b, p. 272) ao mesmo tempo. Não se trata de um *Contrato*, mas de um fato. Logo, não está nas mãos dos homens mudarem os seus fundamentos por meio de revoluções ou contrarrevoluções. No entanto, os progressos materiais e culturais existem. Deus não os toca, por incrível que pareça.

Ao contrário, concede-se ao homem a liberdade para conduzir a sua vida material e cultural como bem entender – desde que não se esqueça dos valores morais eternos. Pela moral (imutável) algumas sociedades se assemelham (por exemplo, Espanha, Portugal, França, Itália, e outros países da Europa); pelo material, cultural e artístico, etc., elas se diferenciam.

*[...]Si la obra de la creación fue sucesiva, fue continua al mismo tiempo. Si Dios no sacó instantáneamente todas las cosas de la nada, tampoco suspendió el trabajo de la creación hasta que la creación fue llevada a venturoso remate. Si entre el principio y el fin de la creación puso seis días, no puso ni un solo día, ni una sola hora, ni un solo instante entre los seis días genesíacos. Hasta que los días de la creación fueron cumplidos, hasta que todas las cosas fueron hechas, no amaneció el séptimo día, que fue el día del reposo; con lo cual quiso Dios sin duda dar a entender a los hombres que la continuidad y la sucesión deben ir juntas y que entrambas forman y constituyen la ley del progreso. Caminar despacio, pero sin reposarse jamás; caminar lenta, pero continuamente: ésta es la ley a que se sujetó el humano linaje desde que Dios puso en sus manos el bastón del peregrino y le ordenó que peregrinara siempre hasta llegar a las regiones de las eternas moradas. Sólo en ellas luce terso, sereno, apacible e inmortal el séptimo de sus días: el día de su reposo (CORTÉS, 1970b, p. 243. Os grifos são nossos).*

Está claro, por essa noção de história (continuidade e mudanças), vemos que Donoso possuía um conceito evolutivo da existência humana. Era, pois, totalmente contrário a um reacionário, ainda que fosse antirrevolucionário. Queria a evolução, porém odiava a revolução.

Essa capacidade do homem de se modificar e, por isso, modificar o mundo à sua volta, faz parte, como dissemos, da liberdade humana. Donoso faz referência a ela no *Ensayo*, quando coloca a liberdade como “*el mayor bien de todos que el hombre ha poseído*”. Sua origem é divina, portanto ninguém pode tirá-la, nem mesmo o próprio Deus que a concedeu: “*Quién explicará (...) esa libertad altísima, inviolable, santa (...), que el mismo que se la dio [Deus] no se la puede quitar*” (CORTÉS, 1965, p. 328ss).

Apreende-se do que foi falado até aqui que, na visão donosiana, a trama da história humana é *uma combinação entre a liberdade e a Providência*. Fora da

ação do homem não há nada além da ação de Deus. Essa afirmação Donoso não a inventou do nada, nem rompeu totalmente com o que pensava no passado. Ao contrário, ela é uma consequência – sob uma nova roupagem – do que dissera o pensador, ainda em seus primeiros escritos, sobre a existência de permanências e mudanças na história, sobre os fatos mutáveis e os imutáveis.

Em seu *Discurso Académico sobre la Bíblia (1848)*, Donoso Cortés confirmou a ideia de que Deus e sua criação são os fundadores de todos os valores humanos. É, portanto, neles que o homem deve se inspirar para chegar à verdade e às soluções dos problemas políticos e sociais (CORTÉS, 1970b, p. 278ss). Se comparadas à cultura cristã, as sociedades pagãs, nessa visão, são insignificantes.

O paganismo não oferece nada moral que já não esteja abarcado pelo cristianismo. Os homens devem se inspirar nas Escrituras Sagradas a fim de conhecer, por meio da história sagrada do povo hebreu e de toda a economia da salvação humana, um modelo de ser humano para todos os tempos. Algo, nesse sentido, imutável.

A ideia de história sagrada, bem como a de que nada escapa aos desígnios da Divindade, pode ser encontrada ainda em duas obras nas quais Donoso dissertou a respeito do papel da Revolução Francesa no mundo contemporâneo. Em *Las Reformas de Pio IX (1847)* e no *Discurso sobre la dictadura (1849)* o assunto foi tratado de maneira semelhante.

Na primeira obra, o autor vê na Revolução “*una obra del infierno, permitida por Dios; una obra a un mismo tiempo infernal y divina. Infernales fueron los medios y sus agentes; divinos sus resultados y sus fines*” (CORTÉS, 1965, p. 204).

Já no segundo momento, temos uma visão que está ligada ao primeiro. De fato, o pensador nos diz: “*Dios (...) había condenado a la monarquía francesa. En vano esta institución se había transformado hondamente para acomodarse a las*

*circunstancias y a los tiempos (...) su condenación fue inapelable, y su pérdida infalible”* (CORTÉS, 1965, p. 223).

Em ambos os trechos temos um exemplo de ideias anteriores, as quais diziam que o homem – em sua liberdade limitada – não pode escapar dos desígnios divinos. Por mais que suas intenções sejam de tal forma, as consequências dessas intenções podem ser as mais variáveis possíveis, visto que apenas Deus as conhece. É o Ser superior, enquanto mentor de toda a criação, que coordena as ações humanas de maneira a sempre realizar a sua vontade.

Esse arcabouço interpretativo é apontado por Albert Hirschman (2019, p. 18), sobretudo em Edmund Burke (1729-1797), como um desdobramento do iluminismo escocês, segundo o qual as consequências não-intencionais fazem a diferença no mundo dos homens. Assim, por exemplo, Burke interpretou a Revolução Francesa como seu oposto: “deseja o bem, mas causa o mal”. Hirschman (2019, p. 21) também destaca esses valores de interpretação como a passagem do Iluminismo para o Romantismo, ou do otimismo ao pessimismo.

Os resultados não-intencionais, segundo Hirschman (2019, p. 22) ganharam impulso com o expansionismo da Revolução Francesa. A Divina Providência frustra os desígnios humanos, “cujas pretensões de construir uma sociedade ideal seriam expostas como ingênuas e prepotentes, quando não criminosas e blasfemas”.

De Maistre (apud HIRSCHMAN, 2019, p. 23) atribuiu à Divina Providência uma “crueldade requintada”, no caso da Revolução de 1789. Segundo ele “a multidão nunca obtém o que deseja”, isto é, zomba-se das intenções humanas.

Em Donoso Cortés temos uma situação peculiar. Por um lado, para ele, é verdade que a realidade é governada por vontades que os homens desconhecem, e que, por isso mesmo, suas intenções e ações são governadas por elas. No entanto, isso não quer dizer que no fim todos os esforços se voltarão contra os próprios homens.

Como vimos acima, Donoso não enxerga a Revolução Francesa simplesmente como algo terrível, catastrófico. Seus meios é que foram terríveis e catastróficos, já que, pondo fim à monarquia absoluta de Luís XVI (um regime o qual Deus havia condenado), quis-se pôr em xeque o regime monárquico em geral. No entanto, Deus permitiu que isso acontecesse (já que todas as coisas acontecem por sua vontade ou omissão) para um propósito superior – sempre benéfico, já que Deus, na visão católica, não pode ser *mau*.

Além disso, mesmo sendo fruto da vontade de Deus, os acontecimentos históricos não se dão de maneira instantânea. Em outras palavras, os desejos e as ações humanas também não são tão irrelevantes. É como se Deus necessitasse do homem para pôr em prática os seus projetos.

Ao contrário do que disse De Maistre (apud HIRSCHMAN, 2019, p. 23), para Donoso Cortés as Revoluções tem um propósito *maior e bom* – o qual não é dado aos homens conhecerem a princípio. No entanto, se não existisse a ação dos homens, esse propósito não aconteceria, nem teria sido efetivado em várias etapas (monarquia absoluta, gloriosa, hereditária, etc.).

Portanto, se para Donoso, o homem fosse uma simples marionete nas mãos do Criador, um autômato incapaz de iniciar algo além do que já lhe fora programado desde o início, não teriam sido possíveis diversos tipos de sistemas monárquicos. Cada um deles acontecendo em uma época determinada, sendo seu fim avaliado pela vontade divina.

## ***Progresso material e decadência moral***

Em seu *Discurso sobre la dictadura (1849)*, Donoso nos deu mais um exemplo de como a religião não pode ser entendida fora da história, e vice-versa. Em todas as épocas, segundo ele, houve sempre dois tipos de repressões – a

*política* (externa) e a *religiosa* (interna)<sup>1</sup>. Ambas sempre foram, ao longo da história, inversamente proporcionais.

*[...] Cuando el termómetro religioso está subido, el termómetro de la represión está bajo, y cuando el termómetro religioso está bajo, el termómetro político, la represión política, la tiranía, está alta. Ésta es una ley de la humanidad, una ley de la historia. Y si no, señores, ved lo que era el mundo, ved lo que era la sociedad que cae al otro lado de la Cruz [as sociedades antigas ou pagãs, que viveram antes de Cristo]; decid lo que era cuando no había represión interior, cuando no había represión religiosa. Entonces aquélla era una sociedad de tiranías y de esclavos. (...) Éste es un hecho evidente (CORTÉS, 1965, p. 229-230).*

Donoso seguiu esse paralelismo (p. 230ss), relatando a história desde o tempo de Jesus Cristo – época em que nasce a repressão religiosa, por conseguinte, não havendo repressão política alguma – até os tempos modernos – momento em que a repressão religiosa é mínima e, assim, tendo que ser a repressão política máxima.

Essa repressão política máxima seria efetivada pela *ditadura* – um recurso excepcional a fim de evitar a barbárie provocada pela falta de sentimentos morais dos indivíduos. Tanto em seu nível teórico quanto prático, Donoso Cortés fazia questão de dizer que o recurso à ditadura pode ser provado pela história, e que, mais importante, é um *recurso divino*.

*“He probado que la dictadura es una verdad en el orden teórico; que es un hecho en el orden histórico. Pues ahora voy a decir más: la dictadura pudiera decirse, si el respeto lo consintiera, que es otro hecho en el orden divino...” (Discurso sobre la dictadura, in: CORTÉS, 1970b, p. 308ss).*

Se por diversas vezes, os homens e Deus utilizaram-se de recursos não previstos em lei (a lei de Deus é a que rege o universo), para evitar um mal maior, e sendo a história uma continuidade, não é estranho recomendar a sua prática.

---

1

Por “repressão religiosa”, conceito cunhado no *Discurso sobre la dictadura (1849)*, Donoso entendia o controle das paixões pelo indivíduo, seu devotamento integral e fidelidade às causas da religião (CORTÉS, 1965, p. 229-230).

Os textos *Discurso sobre Europa (1850)* e *Discurso la situación de España (1850)* corroboram a importância conferida por Cortés à religião católica e a seus dogmas, ao longo da história. Ali (CORTÉS, 1965, p. 261) seria dito que o progresso material é benéfico, porém necessita dos meios morais para continuar se perpetuando.

Nessa ótica, é como se em Donoso Cortés o tempo fosse dividido em duas linhas sobrepostas: uma *crescente*, representando o *progresso material*, as conquistas dos homens, suas invenções, seu saber técnico e científico, etc. A outra – da *moralidade* e do espírito religioso – teria crescido até o surgimento de Cristo. Depois de sua morte, e com o início dos tempos apostólicos, a formação da Igreja institucionalizada e a chegada do cristianismo em Roma, ela começou a *declinar* (CORTÉS, 1965, p. 234ss).

Desse *declínio*, conseqüentemente surgiram, passo a passo, os elementos de repressão política da Europa cristã: as magistraturas, as monarquias, o exército, a centralização burocrática administrativa e os meios de comunicação (imprensa e telégrafo, por exemplo). Todas elas foram um meio necessário criado pelos homens (os soberanos) para conter a falta de religiosidade de seus semelhantes (os súditos).

Se o espírito religioso era tão fraco como dizia ser Donoso nos seus próprios dias, era necessário aos governos empregarem os meios mais atrozes de repressão política, inclusive a ditadura, se necessário. Essa solução, embora prática, não seria ideal para ele, pois colocaria os indivíduos em um regime despótico similar ao vivido pelas sociedades pagãs antigas.

A solução ideal não poderia ser outra que não a *conciliação das duas linhas históricas* – a do progresso material e a da decadência moral. Se Donoso quisesse apenas restaurar a moral, não teceria tantos elogios ao progresso, visto como evolução do homem e como fruto da vontade de Deus. Logo, ele não recusava a modernidade plenamente, apenas procura repará-la com valores eternos e imutáveis que, para ele, ficaram perdidos há muito tempo.

Essa suposta *decadência moral*, claro está, não acontece por acaso. Deus permite sua ocorrência a fim de exercer seus atributos, como justiça e misericórdia. Se houve guerras, pestes, revoluções, foi porque assim quis a Divina Providência. Tudo isso servirá para um outro propósito no futuro.

## ***As revoluções são historicamente falaciosas***

Nas últimas obras donosianas isso ficaria bem claro. Seja no *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo* (1851), na *Carta a la Reina María Cristina* (1851), na *Carta al director de la "Revue des Deux Mondes" (Respuesta a M. de Broglie)* (1852), ou, finalmente, na *Carta al cardenal Fornari* (1852). As quatro procuraram, por meio dos argumentos históricos, assinalar provas para conceder à Igreja Católica e a seus valores um papel único e fundamental na construção da sociedade moderna.

No *Ensayo*, Donoso fez uma série de reflexões a respeito dos sistemas teológicos ao longo da história, revelando ao leitor os desacertos de sociedades e governos que foram regidos por outros princípios religiosos que não o cristianismo católico (CORTÉS, 1965, p. 280ss). Da mesma forma, ele quis deixar clara a importância dessa religião, entendida como imutável em seus dogmas, no avanço sobre o mundo pagão (p. 322ss), civilizando-o.

O mundo europeu, dessa maneira, sendo o resultado da união entre Império Romano, povos bárbaros e Igreja, deveu sua existência, do ponto de vista religioso e moral e, por conseguinte, social e político, às ideias trazidas por essa última.

O exemplo mais repetido e contundente é o tripé revolucionário *Igualdade, Liberdade, Fraternidade*. Com o intuito de desmerecer seus inimigos políticos da época (leia-se *liberais* e *socialistas proudhonianos*), Donoso negava veementemente que essas ideias fossem produto das aspirações



revolucionárias de 1848, de 1830, ou mesmo de 1789. Para ele, sem dúvida, os ideais são cristãos e, portanto, eternos. Não são produtos de uma época humana, como defendiam os filósofos das *Luzes*.

Para comprovar sua tese, o autor mais uma vez recorria à História Universal e perguntava-se em que parte dela esses ideais foram colocados em prática:

*[...] Creer en la igualdad de todos los hombres, viéndolos a todos desiguales; creer en la libertad viendo instituida en todas partes la servidumbre; creer que todos los hombres son hermanos, enseñándome la historia que todos son enemigos; creer que hay un acervo común de infortunios y de glorias para todos los nacidos, cuando no acierto a ver sino glorias e infortunios individuales; creer que yo me refiero a la humanidad, cuando sé que refiero la humanidad a mí; creer que esa misma humanidad es mi centro, cuando yo me hago centro de todo; y por último, creer que debo creer estas cosas cuando se me afirma por los que me las proponen como objeto de mi fe, que no debo creer sino a mi razón, que contradice todas esas cosas que me son propuestas, es un despropósito tan estupendo, una aberración tan inconcebible, que a su presencia quedo todo como desfallecido y atónito (Ensayo, in: CORTÉS, 1965, p. 434. O grifo é meu).*

Portanto, se nunca existiram, em momento nenhum da história, uma sociedade ou governo em que os homens fossem totalmente livres, iguais e fraternos, é sinal de que tais ideais não podem ser executados. Eles podem existir apenas no sentido em que o catolicismo lhes dá:

1) *os homens são iguais* (porque todos são pecadores e filhos do mesmo Deus), mas se diferenciam de acordo com suas potencialidades e habilidades. Quer dizer, pelo que ensina o cristianismo, não devem existir *servos e senhores, escravos e amos* (*Discurso acadêmico sobre la Biblia*, in: CORTÉS, 1970b, p. 278-300). Todos podem dirigir petições às Cortes e ao Rei; todos serão regidos por um mesmo código de leis; todos são admissíveis a empregos e cargos públicos, segundo sua capacidade, seu mérito e suas rendas; todos têm o dever de defender a Pátria, e contribuir com impostos de acordo com os bens que possui, como garantia a Carta Magna da Espanha na época em que Donoso escrevia o *Ensayo* (ESPAÑA, Constituição (1845). In: ARTOLA, 1997, p. 407-

408). No entanto, eles não são dotados das mesmas capacidades e dos mesmos direitos políticos. Sendo desiguais nesse sentido, os superiores têm a obrigação de proteger e ajudar os inferiores, por meio da caridade. Sem dúvida, essa seria uma forma encontrada por Donoso para expurgar a ideia liberal de que qualquer homem pode chegar aonde quiser, sem ter a necessidade de contar com o auxílio dos outros, nem mesmo do poder público. De fato, a concepção liberal de Estado se opõe ao paternalismo, considerando os súditos como crianças eternas que nunca crescerão, ou seja, são passíveis das ações do Estado (BOBBIO, 2000, p. 20-25).

2) os *homens são livres* (já que dotados de livre-arbítrio), mas não devem escolher o caminho que não seja o da Igreja, nem participarem todos do jogo político, a cargo apenas dos mais capazes. Nenhum homem pode pertencer a outro. Todos são livres para criar e para inventar. Todos, igualmente, são livres contra a opressão e o autoritarismo do Estado, contra prisões arbitrárias, contando com um meio de resistência: as Cortes (*Carta al cardenal Fornari*, in: CORTÉS, 1965, p. 540ss), a Constituição<sup>2</sup>, e os costumes. Todos, enfim, são livres para escolher como guiar suas vidas, por exemplo, ficando imunes contra o *pátrio poder*, e seguirem a carreira que desejarem<sup>3</sup> (*Discurso académico sobre la Biblia*, in: CORTÉS, 1970b, p. 278-300). Isso não quer dizer que sejam livres para pensar, ter ideias e crenças que vão de encontro aos ensinamentos católicos. Da mesma forma, nem todos são livres para participarem das atividades políticas.

---

2

“Art. 7º No puede ser detenido, ni preso, ni separado de su domicilio ningún español, ni allanada su casa, sino en los casos y en la forma que las leyes prescriban.” (...) Art. 9º Ningún español puede ser procesado ni sentenciado sino por el Juez o Tribunal competente, en virtud de leyes anteriores al delito y en la forma que éstas prescriban.” (...) Art. 10. No se impondrá jamás la pena de confiscación de bienes, y ningún español será privado de su propiedad sino por causa justificada de utilidad común, previa la correspondiente indemnización.” (ESPANHA. Constituição (1845). In: ARTOLA, p. 410-412).

3

A experiência pessoal de Juan Donoso Cortés com relação a isso não pode ser ignorada. Mesmo sendo filho de um advogado, e formando-se advogado pela vontade do pai, Donoso pouco exerceu a profissão. Foi professor no início dos anos 1830 e, mais tarde, enveredou-se pelos caminhos da política.

3) *os homens são fraternos* (já que um dos mandamentos de Cristo é amar a todos), porém isso não quer dizer que suas Pátrias devam ser ignoradas em nome de um pretense espírito de humanidade universal, como alardeado pelos socialistas. O espírito de fraternidade de Cortés não incluía, obviamente, a tolerância religiosa ou de costumes, já que algumas sociedades seriam mais adiantadas do que outras. Está se falando, no entanto, do dever que as pessoas superiores têm de auxiliar as inferiores; em contrapartida, essas inferiores devem obedecer aos superiores.

Mais uma vez, Cortés se utilizou da história a fim de provar hipóteses: a) ao ver como impossíveis ideais que nunca foram colocados em prática; b) ao encontrar regras ou leis que movem os homens, as sociedades e os governos; c) ao decifrar os grandes méritos da civilização europeia como consequência dos ensinamentos cristãos; d) e que esse mesmo cristianismo é o resultado de um processo de desenvolvimento religioso, cujos níveis anteriores foram formados por religiões falsas ou incompletas.

A questão do combate aos socialistas, por ocasião da Revolução de 1848 era vista por Donoso como essencial. E seu recurso nessa luta política foi sempre o estudo da história. Enquanto que os seguidores de Proudhon (1809-1865) pretendiam lê-la a fim de modificar o seu curso, aquele não possuía tal otimismo político.

Assim como os socialistas, via na história mudanças e permanências, como, por exemplo, a eterna existência de ricos e pobres. Enquanto Donoso se perguntava como seria possível eliminar as desigualdades, já que a desigualdade estava delineada no curso histórico como uma lei eterna, ele também deixava claro que nunca essa desigualdade havia se tornado tão desumana quanto em sua própria época. E isso se deu porque os homens ricos deixaram de exercer a caridade e a solidariedade para com os mais pobres, provocando revoltas e sublevações de toda ordem.

Nos tempos de outrora, onde a repressão religiosa era grande (os homens eram mais conscientes de seus deveres cristãos, de sua fraternidade e igualdade perante Deus) e, por assim dizer, a repressão política era pequena, pobres e ricos teriam convivido em relativa harmonia. As revoluções que ocorreram naqueles tempos não seriam fruto das pessoas famintas, mas sim de grupos políticos em busca de poder. Os protestos e manifestações das pessoas mais pobres na atualidade seriam, logo, uma consequência fatal do declínio do espírito religioso, a partir de Cristo, e que obteve o seu nadir após a Revolução Francesa e o início do século XIX.

Não há porque pensar que sejam essas insurreições algo natural, portanto, não há porque endossar os levantes socialistas e a *luta de classes* em busca de uma sociedade perfeita. No máximo, pensava Donoso, haverá desordem, falta de estabilidade política e extermínio das nações.

*[...] Creer que esa inclinación a sublevarse que aqueja en todos los pueblos, a un tiempo mismo, a todas las clases menesterosas es un fenómeno que no tiene origen en una causa tan general como él mismo, parecerá a Vuestra Majestad [a Rainha María Cristina], como me lo parece a mí, extravagancia y locura. Pobres y ricos ha habido siempre en el mundo; lo que no ha habido en el mundo hasta ahora es guerra universal y simultánea entre los ricos y los pobres (Carta a la reina María Cristina (1851), in: CORTÉS, 1965, p. 516).*

*[...] De lo que hoy se trata sólo es de distribuir convenientemente la riqueza que está mal distribuida. (...) Ahora bien: el problema no tiene más que una buena solución, no tiene más que una solución pacífica, no tiene más que una solución conveniente. La riqueza, acumulada por un egoísmo gigantesco, es menester que sea distribuida por la limosna en grande escala (Carta a la reina..., in: CORTÉS, 1965, p. 518).*

Pode se depreender da última citação, escrita na França de 1851, que Cortés via no socialismo proudhoniano uma ameaça iminente. Esta, contudo, já havia sido anunciada em 1849, no *Discurso sobre la dictadura*. Naquele momento, assim como quando escreve a Carta à Rainha, ele não enxergava os movimentos revolucionários da história como fruto da luta contra a tirania ou do desespero de pessoas miseráveis (CORTÉS, 1965, p. 225).

Essa ideia não pode estar certa, pois não encontra precedentes na história. Na visão donosiana, as revoluções foram sempre conduzidas por aristocratas, motivados pelos desejos de obter aquilo que detém os seus superiores. E, para isso, levam as multidões em seu caminho, prometendo-lhes fortunas.

*[...] Viniendo ahora las causas de esta revolución, el partido progresista tiene unas mismas causas para todo. El señor Cortina nos dijo ayer que hay revoluciones porque hay ilegalidades y porque el instinto de los pueblos los levanta uniforme y espontáneamente contra los tiranos. Antes nos había dicho el señor Ordax Avecilla: “Queréis evitar las revoluciones? Dad de comer a los hambrientos”. Véase, pues, aquí la teoría del partido progresista en toda su extensión: las causas de la revolución son, por una parte, la miseria; por otra, la tiranía. Señores, esa teoría es contraria, totalmente contraria a la historia. Yo pido que se me cite un ejemplo de una revolución hecha y llevada a cabo por pueblos esclavos o por pueblos hambrientos. Las revoluciones son enfermedades de los pueblos ricos; las revoluciones son enfermedades de los pueblos libres<sup>4</sup>. El mundo antiguo era un mundo en que los esclavos componían la mayor parte del género humano; citadme cuál revolución fue hecha por esos esclavos (Discurso sobre la dictadura, in: CORTÉS, 1965, p. 225).*

*[...] Lo más que pudieron conseguir fue fomentar algunas guerras serviles; pero las revoluciones profundas fueron hechas siempre por opulentísimos aristócratas. (...) No está en la esclavitud, no está en la miseria el germen de las revoluciones; el germen de las revoluciones está en los deseos sobreexcitados de la muchedumbre por los tribunos que la explotan y benefician. Y seréis como los ricos; ved ahí la fórmula de las revoluciones socialistas contra las clases medias. Y seréis como los nobles; ved ahí la fórmula de las revoluciones de clases medias contra las clases nobiliarias. Y seréis como los reyes; ved ahí la fórmula de las revoluciones de las clases nobiliarias contra los reyes. Por último (...) y seréis a manera de dioses; ved ahí la fórmula de la primera rebelión del primer hombre contra Dios. Desde Adán, el primer rebelde, hasta Proudhon, el último impío, ésa es la fórmula de todas las revoluciones (Discurso..., in: CORTÉS, 1965, p. 225. Os grifos são do autor).*

---

4

Donoso Cortés não acreditava que pessoas escravas ou famintas poderiam ter feito (ou fazer) uma revolução, pelo simples motivo de que não teriam condições (físicas ou materiais) para fazê-lo. Entretanto, pessoas com condições razoáveis (ricas e livres) poderiam utilizar a massa contra a ordem vigente, de modo a facilitar a conquista de seus objetivos, cf. *La ley electoral* (CORTÉS, 1970a, p. 307).

Como a história tem provado, as revoluções não nascem de necessidades, mas sim de sentimentos viciosos, como o egoísmo e a ambição<sup>5</sup>, logo, Donoso pretendia estigmatizá-las. Além disso, procura demonizar seus adversários políticos e desfazer sua estrutura de pensamento. As revoluções, ainda que sejam instrumentos divinos, representam rupturas na ordem e uma manifestação pecaminosa.

A questão, nesse sentido, não estava dada em um nível político ou social, mas sim individual e moral. Se as revoluções nasceram e se desenvolveram por meio de vícios, a única maneira de evitar que elas aconteçam seria exercendo virtudes, sobretudo a caridade cristã.

No momento vivido por nosso pensador, ele também imaginava haver um declínio decisivo dos aspectos morais. Tanto por parte dos ricos (caridade), quanto por parte dos pobres (paciência), embora ele deixe claro que a culpa, em primeiro lugar, é dos ricos e de sua falta de boas obras. *“La revolución ha sido hecha en definitivo por los ricos y para los ricos, contra los reyes y contra los pobres”*, assim dizia Cortés em sua *Carta a la Reina* (CORTÉS, 1965, p. 619).

Já que a história pode provar hipóteses e, por conseguinte, prever o futuro, o pensador de Extremadura anuncia que uma revolução não tardaria a acontecer. A menos, é claro, que os homens, transformados pelo poder do catolicismo, passassem a agir de outra forma.

## **Considerações finais**

---

5

Veja-se aqui outra importante influência burkeana no pensamento de Cortés. Tanto para o autor das *Reflexões sobre a revolução em França*, quanto para o Marquês de Valdegamas todos os governos são frutos das necessidades e das aspirações dos homens em sociedade, sendo, por isso mesmo, legítimos (o que não quer dizer que sejam perfeitos). Dessa forma, uma revolução, que não é legítima, não pode ter sido originada por aspirações ou necessidades reais. Aqueles que idealizam um movimento revolucionário são usurpadores e ilegítimos. Burke classifica a Revolução Francesa como “fraude” (2017, p. 50); “crime” (p. 51); “fruto da inexperiência” (p. 75); “assassina e violenta contra reis legítimos, um conjunto de atos cruéis” (p. 97).

A partir de todas essas obras e análises, chegamos à conclusão de que Donoso Cortés sempre buscou as razões dos fatos humanos na história, e, em última instância, em uma história elevada, que se vincula com a economia da Divindade.

Quantas vezes disse o nosso pensador: *“La historia lo ha probado”*. Tal frase define com propriedade sua posição ante os grandes problemas de seu tempo, seja no campo político, seja no campo das ideias.

Carlos Valverde (1970) chama Donoso de “romântico”. Não sabemos até que ponto essa terminologia está correta. Entretanto, o comentarista possui crédito na seguinte passagem:

*[...] Como buen romántico, encontraba además gusto especial en las grandes síntesis históricas; la marcha de los pueblos a través de los siglos, la desaparición de los grandes imperios, las religiones de naciones lejanas, la historia de los primeros hombres y aun de los primeros ángeles, la expansión de las ideas en determinados sectores de la humanidad, etc., son temas que saltan continuamente de su pluma (VALVERDE, 1970, p. 93).*

Não é de se estranhar, por conseguinte, que Donoso quisesse se dedicar à filosofia da história, ou, mais especificamente, à filosofia católica da história. Isso é correto uma vez que para ele a história compreende também o estudo de suas causas, de seus mecanismos de funcionamento: *“La historia, considerada en general, es la biografía del género humano. Esta biografía comprende la relación de todos los sucesos que interesan a la humanidad y la exposición de sus causas”* (*Estudios sobre la historia*, in: CORTÉS, 1970b, p. 234). Em outra passagem, do mesmo texto, assim dizia: *“Todos los acontecimientos tienen su explicación y su origen en la voluntad divina y en la humana; por esta razón, el asunto perpetuo de la historia son Dios y el hombre considerado como seres activos y libres* (CORTÉS, 1970b, p. 232).

Esse arranjo existente entre a Providência Divina e o livre-arbítrio do homem forma o ponto decisivo de todos os seus discursos sobre as razões da história.

Deus é o bem; a vontade livre do homem é, ao mesmo tempo, boa e má. Ela tem essa duplicidade, pois o homem, ao ser criado por Deus, recebeu dele a ordem para peregrinar e progredir; portanto, ele seria livre para criar, construir, inventar máquinas e desenvolver-se (isso explicaria a existência da diversidade humana, sendo uns homens mais evoluídos que outros). No entanto, a liberdade também é má, pois cria o pecado e o desvio dos propósitos eternos e imutáveis de Deus.

Ambas – a liberdade do homem e a ação do Criador – lutam intermitentemente e mutuamente pelos vários períodos da história. A última sempre triunfa sobre a primeira, mediante a aplicação de sua vontade, a qual não cabe aos homens conhecer.

Dessa forma, não há outra maneira de compreender perfeitamente a história se não se compreende perfeitamente a Deus. E, por isso mesmo, não se pode compreender perfeitamente a Deus sem a teologia do catolicismo. São frases do *Ensayo: “sólo la escuela católica explica satisfactoriamente la naturaleza y el origen del uno y del otro [do bem e do mal] y sus varios y complicados efectos”* (CORTÉS, 1970b, p. 617). Disso decorre que a filosofia da história de Donoso seja uma filosofia *católica* da história.

Donoso Cortés, nas palavras de Valverde (1970, p. 94) está *“influido en su historiología por Juan Bautista Vico. Pero toda la contextura básica de su pensamiento historiológico es agustiniana, aprendida no sólo a través de Vico y de otros autores, sino directamente en el mismo San Agustín”*.

Todavia, essa visão de história, que não foi uniforme em todos os períodos da vida do pensador, nasceu a partir dos desdobramentos de suas ideias mais jovens. É como se lá estivesse plantada a semente ou a estrutura para tudo o mais que viria com o passar do tempo. Em termos mais simples, não é possível compreender como sua visão de história chegou ao catolicismo se não analisarmos sua visão acerca do homem (triplamente relacional: Deus, natureza e outros homens), sua noção de liberdade (contra opressão e de viver como se



apraz), sua ideia de que a história é composta por permanências e rupturas, sua consequente noção de progresso (material em ascensão, moral em declínio), sua busca por regras que tornem claros os mecanismos da história: analisar o passado, explicar o presente e prever o futuro.

*[...] El conocimiento de lo pasado es una preparación indispensable para el conocimiento cabal de lo presente, y de que mal podríamos comprender los gravísimos intereses que está comprometidos en la crisis que presenciemos si la Historia no nos revela cuáles causas la han traído al punto en que la vemos y cuál es su naturaleza y su índole (Sobre la cuestión de Oriente, in: CORTÉS, 1970a, p. 685).*

Embora Donoso não dissesse que todos os fenômenos sejam históricos, visto que há, no seu entendimento, elementos eternos desde a Criação, ele recorreu a essa mesma história para descobrir o seu significado. Isto é, a melhor forma para se resolver os problemas do presente, com vistas a um futuro melhor, seria interpretar esse significado, identificando o que faz a sociedade e o governo funcionarem.

A história, nesse sentido, é capaz de mostrar quais instituições são necessárias aos homens, quais os benefícios que elas trazem e, por conseguinte, quão maléficis seriam os resultados de sua exclusão. Está-se falando, sem dúvida, da monarquia hereditária espanhola e da Igreja Católica Romana. Instituições que, apesar de apregoarem valores não-modernos, devem estar inseridas na modernidade para que ela se efetive nos seus demais aspectos. Assim, o que Donoso pretendia era utilizar recursos da modernidade de forma a criticá-la.

Finalmente, Marshall Berman (1986) chama o modernismo presente no século XIX de “dinâmico e dialético”, repleto de contradições e possibilidades. Os pensadores dessa época, por exemplo, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), “conhecem a dor e o terror [da modernidade], mas acreditam na capacidade de serem bem-sucedidos (...). Eram entusiastas e inimigos [da modernidade] lutando contra suas ambiguidades.” Donoso Cortés também pode se inserir entre esses intelectuais semi-modernos, mesmo em

todas as suas idiossincrasias. Antônio Regalado Garcia (1967, p. 110) corrobora essa assertiva, dizendo que ele sofria de um “*double frenesi*”, envolvido em um conflito, entre o mundo velho e o novo; entre a tradição e o progresso.

## **Referências bibliográficas**

### **Obras completas**

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução na França (1790). São Paulo: Vide Editorial, 2017.

CORTÉS, Juan Donoso. *El pensamiento político hispanoamericano*. Buenos Aires: Depalma, 1965.

CORTÉS, Juan Donoso. *Obras completas*. v. 1. Madrid: La Editorial Católica, 1970. – Biblioteca de Autores Cristianos.

CORTÉS, Juan Donoso. *Obras completas*. v. 2. Madrid: La Editorial Católica, 1970. – Biblioteca de Autores Cristianos.

ESPAÑA. Constituição (1845). In: La Burguesía revolucionária (1808-1874). In: ARTOLA, Miguel (org.) *Historia de España*. Madrid: Alianza, 1997.

ARTOLA, Miguel. La Burguesía revolucionária (1808-1874). In: ARTOLA, Miguel (org.) *Historia de España*. Madrid: Alianza, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: aventura na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à Historiografia*. Bauru: EDUSC, 2003.

HIRSCHMAN, Albert O. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2006.

NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

## **Capítulo de obra**

VALVERDE, Carlos. Introducción general. In: CORTÉS, Juan Donoso. *Obras Completas*. v. 1. Madrid: La Editorial Católica, 1970. – Biblioteca de Autores Cristianos.

## **Artigo**

GARCIA, Antônio Regalado. The couterrevolutionary image of the world. *Yale French Studies*, vol. 0, issue 39. Literature and Revolution. p. 98-118, 1967.

## **Dados do autor:**

Roney Marcos Pavani. Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), Campus Nova Venécia. Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: roney.pavani@ifes.edu.br